





Nacionalismo e identidade palestina através da obra de Ghassan Kanafani



Nationalism and Palestinian identity through the
work of Ghassan Kanafani

Márcio de Oliveira Albuquerque¹

¹ Graduando de História na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: marcio_albu@hotmail.com

Resumo: O presente artigo se debruça sobre a questão da construção do nacionalismo palestino. Há uma relação intrínseca entre o tipo de nacionalismo analisado e a identidade do indivíduo palestino, que começa a ser formada em diferenciação aos outros árabes desde fins do século XIX. A experiência da dominação por entidades estrangeiras desenvolve um senso de comunidade entre os palestinos, levando ao reconhecimento de um corpo social coerente na formação do nacionalismo palestino. A continuidade da experiência da dominação, dessa vez pós-48 com a Nakba, irá compelir os palestinos a adotar diferentes estratégias frente a um novo contexto. A partir disso, uma perspectiva interessante pode ser observada na escrita do autor palestino Ghassan Kanafani, que adotava contornos políticos nas suas obras, realizando relações entre a questão identitária, nacionalismo e o contexto vivido pelo palestino.

Palavras-chave:

Palestina, identidade, nacionalismo, Nakba, literatura.

Abstract: This article targets on the question of the construction of Palestinian nationalism. There is an intrinsic relationship between the type of nationalism analyzed and the identity of the Palestinian individual, which has begun to be differentiated from other Arabs since the late nineteenth century. The experience of domination by foreign entities develops a sense of community among the Palestinians, leading to the recognition of a coherent social body in the formation of Palestinian nationalism. The continuity of the experience of domination, this time post-48 with the Nakba, will compel the Palestinians to adopt different strategies in the face of a new context. From this, an perspective can be observed in the writing of the Palestinian author Ghassan Kanafani, who adopt political outlines in his works, making relations between the question of identity, nationalism and context lived by the Palestinian.

Key words:

Palestine, identity, nationalism, Nakba, literature

Introdução

No dia 8 de julho de 1972, o escritor palestino Ghassan Kanafani entrava em seu carro acompanhado de sua sobrinha de 17 anos, Lamees. Ao dar partida na ignição, uma bomba que fora plantada explodiu, vitimando ambos na mesma hora. Um dos mais vocativos intelectuais de seu período, a morte de Kanafani trouxe grande comoção para a comunidade palestina; seu funeral público foi descrito como “a maior demonstração política no Líbano desde a morte de Nasser”.² Sua importância não era mera coincidência, pois além de escritor, foi militante político ativo nos anos que antecederam sua morte. Tal atividade fora tão relevante a ponto de chamar a atenção do Mossad, serviço secreto israelense, que assumiu a autoria do atentado que tirou sua vida.

Nascido na cidade de Acre em 1936, Ghassan Kanafani foi o terceiro filho de um advogado que militava contra a ocupação britânica na Palestina. Logo aos doze anos, virou refugiado após a *Nakba*³, em 1948. Passou pela Síria e pelo Kuwait antes de se estabelecer na cidade de Beirute, no Líbano, já na fase adulta. Durante esses deslocamentos, trabalhou como professor e jornalista, ambas as atividades que o convenceram da importância de sua militância para a causa palestina, pela via que acreditava ser a mais adequada. Foi um dos membros fundadores da FPLP (Frente Popular de Libertação da Palestina), organização marxista que acreditava na luta armada como a principal forma de resistência aos avanços do Estado de Israel. Porém, não empunhara armas, tendo sido descrito como “um escritor comprometido, que acreditava no poder da literatura na transformação da sociedade.”⁴

A questão de Kanafani sempre foi a impossibilidade de separar sua produção cultural de sua condição como palestino, o que o levou a alcançar grande destaque entre seu povo. Mas, para ele, o que essa condição suscitava? Não apenas ter nascido no mesmo lugar, mas uma série de restrições particulares a sua existência: o exílio, o deslocamento, a coerção. Eram símbolos que poderiam ser identificados por todos os palestinos, em menor ou maior grau. Nesse sentido, Kanafani passa a expressar uma perspectiva particular do nacionalismo palestino, cuja formação esse artigo irá procurar tratar e contextualizar adequadamente.

Seção 1 - Formação Geral do Nacionalismo Palestino

A formação do nacionalismo palestino precisa ser vista sob um prisma mais abrangente. A ideia tradicional é que o nacionalismo palestino existe *apenas* em função da fundação do Estado de Israel, e que todos os seus movimentos se dão em motivo deste. Ao difundir essa tese, acredita-se que antes de 1948 não existia qualquer sentimento nacional palestino e que, portanto, a ocupação da terra por parte de Israel era justa, pois não estaria tomando o lugar de um povo. Ocupar a Palestina seria o exercício de “reivindicar direitos sobre um território atrasado e pouco habitado”⁵, diminuindo a importância da presença palestina naquela região.

É necessário primeiro entender qual a ideia de nacionalismo pode ser aplicada nesse caso. A definição de Benedict Anderson, embora tenha sido pensada para o contexto europeu,

2 KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York, 1972 p. 7

3 *Nakba* (catástrofe) é como ficou conhecido entre os árabes palestinos os eventos que levaram à criação do Estado de Israel em 1948

4 KILPATRICK, Hillary. Introduction. In: KANAFANI, Ghassan. *Men in the Sun and other Palestinian stories*. Grã-Bretanha . 1999. Pg 7

5 SAID, Edward. *A Questão da Palestina*. São Paulo: Ed Unesp, 2012. Pg. 28

fornece características que ajudam a compreender melhor a formação de um senso de comunidade. Sua concepção básica é que toda nação é “uma comunidade politicamente imaginada, intrinsecamente limitada, porém soberana”⁶. Anderson dá ênfase ao caráter imaginativo da construção da nação, ou seja, a partir de símbolos, valores e referências comuns, os indivíduos conseguem constituir vínculos entre si. Tais aspectos não são de maneira alguma naturais, porém são percebidos e assimilados pelas pessoas paulatinamente, dentro de determinado contexto, construindo uma noção de comunidade.

Além disso, a percepção de nação pressupõe um aspecto metafísico: o compartilhamento desses símbolos que constituem a comunidade pode se estender a um grande número de indivíduos, que não precisam estar em relação pessoal e direta, mas reconhecem estar vivenciando o mesmo espaço e tempo em uma expressão de coletividade. Certos difusores, como a mídia impressa, ajudam na conscientização da existência de grupos diferentes que, mesmo distantes, estão sujeitos a experiências e rituais similares. Há uma questão fraternal no momento em que se reconhece a paridade entre determinados grupos. A constituição desses valores em um mesmo espaço-tempo progressivamente une os indivíduos, também os diferenciando e separando daqueles que não corroboram esses signos, formando a noção de nacionalismo na modernidade.

Essa formação não se restringe ao plano imaginário. A materialidade de tal fato se dá no momento em que a ideia de nação está ligada à territorialidade, ou a ligação entre a questão identitária nacional e uma delimitação territorial. Em certos casos, a concepção de pátria só pode ser alcançada caso seja realizada em determinada localidade. Nesse sentido, a experiência palestina está muito ligada à região, sendo um dos símbolos aglutinadores dessa sociedade.

A região atual da Palestina faz parte daquela considerada a Palestina Histórica, ou a parte que vai da costa oriental do Mar Mediterrâneo até as fronteiras presentes da Arábia Saudita e Iraque. O entendimento das atuais limitações geográficas da Palestina vem de um processo político e social. No período do Império Otomano, não existia uma província chamada Palestina, mas era considerada parte da Grande Síria, uma região histórico-cultural que compreendia uma boa parte dos países atuais do Oriente Médio. Apesar disso, a denominação Palestina era utilizada de maneira regular, inclusive em documentos oficiais do Império Otomano. Como lembra Luiz Salgado Neto:

Ainda que não houvesse um delineamento territorial preciso, desde o início do controle otomano do leste do Mediterrâneo havia referências à área como “Filastin”, “Falastin” ou “Filistin”. Na verdade, o uso do termo árabe Filastin segue uma tradição longínqua de denominação da região sul do Levante (...) O nome “Palestina” remonta à Antiguidade, sendo encontradas menções das diversas variações do termo nas línguas dos povos que habitavam o leste do Mediterrâneo e nas áreas interiores.⁷

A própria noção de identificação comum é visível entre os habitantes da região. Em discursos e documentos a partir do século XIX há referências ao “povo da Palestina”. Líderes utilizam a identidade de “árabe palestino”, assim como o nome de organizações

6 ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Pg. 32

7 SALGADO NETO, Luiz. O movimento político árabe na Palestina sob controle britânico: culturas políticas em perspectiva comparada (1929-1937). Tese (Doutorado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Pg 39

também carregam essa marca.⁸ Há um reconhecimento, por parte dos próprios habitantes, de uma nomenclatura comum que os abarca como povo, mesmo que não haja pretensões nacionalistas nesse momento. O compartilhamento da identidade de árabe palestino, para aqueles que nasceram ou vivem nessa região, denota um vínculo que os une e, ao mesmo tempo, os diferencia do restante do mundo árabe, fortalecendo uma identidade mais específica, sem renegar suas raízes.

Essa consolidação da comunidade nacional só pode ser realizada em um território considerado pátrio. A identificação do palestino como o habitante daquela terra em específico remonta a tempos antigos, logo sua comunidade nacional se reconhece como legítima. A questão é que, em dado contexto, a identidade comum do árabe palestino não dá vazão à consolidação do Estado Nacional. Alguns fatores políticos foram responsáveis por isso, à medida que também ajudam a fomentar esse sentimento. O domínio otomano se estendeu durante séculos na região. Nessas circunstâncias, a construção de um ímpeto nacionalista era dificultada objetivamente. Apesar disso, não desaparecia o vínculo que unia os palestinos.

É possível identificar indícios do nacionalismo já em fins do século XIX, tanto em documentos e discursos quanto nas perspectivas de seus habitantes em relação ao futuro daquela região em específico. Em 1872, ainda sob domínio otomano, foi criado o Distrito Livre de Jerusalém, cuja delimitação não seguia aquela determinada pelas autoridades turcas, porém aquelas consideradas da Palestina Histórica. Instituições religiosas e militares também seguiam delimitações próprias, na maior parte dos casos. O ponto principal era que as divisões administrativas otomanas pouco sentido faziam para a população local, que considerava principalmente suas próprias especificações.⁹ No século XX, havia um reconhecimento simbólico da especificidade do nacionalismo árabe palestino, por meio do Executivo Árabe¹⁰, se referenciando à “nação árabe palestina”, ao mesmo passo que a denominação “palestino” se torna comum nesse mesmo período como forma de identificação mútua.¹¹

Mesmo que a constituição imaginativa do identitário palestino possa ser vista em fins do século XIX, há um fortalecimento dessa forma em razão de processos políticos, sociais e econômicos que começam a acontecer no início do século XX. O principal deles é a imigração sionista à Palestina. O Império Otomano acabara de passar por uma modernização para lidar com as sucessivas crises internas que minavam a autoridade central. Um dos dispositivos surgidos dessa modernização foi a Lei de Terras de 1858, que era um “novo formato de aquisição de terras cuja estrutura foi resultante, principalmente, da expansão do mercado capitalista europeu”.¹² De principal mudança, permitia a acumulação de terra em um sistema legalmente sancionado, proporcionando que indivíduos ou entidades se transformassem em grandes proprietários, possibilidade que seria usada anos tarde pelo empreendimento sionista.

As ondas de migração judaicas em direção à Palestina são pontos-chave para compreender a formação do nacionalismo em um período pré-48. Chamadas de *aliyah*, tais ondas ocorrem

8 Ibid. Pg. 282

9 Ibid. pg 40-41

10 Comitê político palestino formado em 1920 com o objetivo de combater o projeto imperialista e sionista, reunindo proprietários de terras, famílias notáveis, comerciantes importantes e intelectuais de classe média

11 SALGADO NETO, Luiz. O movimento político árabe na Palestina sob controle britânico: culturas políticas em perspectiva comparada (1929-1937). Tese (Doutorado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. P. 279-280

12 GENNARI, Mariane Soares. O exílio palestino em Homens ao Sol (1963): diálogos entre História e Literatura. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo. P. 23

em momentos de auge da violência antissemita na Europa. A primeira, em 1884, traz uma série de novos moradores para a Palestina, porém ao ser contextualizada, não há um caráter ideológico, sendo a escolha da localidade algo muito mais circunstancial do que planejado. A segunda *aliyah*, de 1904, possui uma característica diferenciada: a migração para o território da Palestina como uma forma de ocupação sionista. Nesse sentido, possui um caráter ideológico, já influenciada pela ideia de Theodor Herzl e pela organização do sionismo político.

Theodor Herzl foi um jornalista que acompanhou como correspondente o Caso Dreyfus, um dos eventos que marcaram a Europa em fins do século XIX. O caso consistiu na acusação de alta traição do capitão do exército francês Alfred Dreyfus, de origem judaica. Seu processo foi fraudulento, porém ele foi condenado, levantando suspeitas de antissemitismo. Diante da comoção gerada pelo caso, assim como episódios de xenofobia, Herzl acreditava, ele mesmo sendo judeu, que em breve a situação na Europa se tornaria insustentável. A partir disso ele escreve *Judenstaat* (1895)¹³, livro onde conclama a criação de um Estado Nacional judeu. Também organiza o Congresso da Basileia (1897), onde são definidas as linhas de atuação dos grupos sionistas para a criação do Estado de Israel.

Se a consequência da primeira *aliyah* foi o aumento do contingente populacional e a formação de uma incipiente comunidade judaica, a segunda começa a criar uma divisão entre as comunidades. Os judeus que chegam à Palestina começam a comprar terras de proprietários árabes *in absentia*, e uma vez donos do terreno, contratavam apenas trabalhadores judeus para sua nova posse. As famílias árabe-palestinas que viviam e trabalhavam nesses locais eram progressivamente expulsas pela ocupação judaica. Era comum que se comprassem propriedades congruentes, formando “cordões” que facilitavam a defesa de possíveis ataques. Agências de Imigração também foram criadas para facilitar os processos de viagem para a Palestina, bem como a compra de propriedades.¹⁴

Esse cenário, que se seguiu durante a primeira metade do Século XX, foi visto com preocupação pelas autoridades árabe-palestinas. Apesar do número de migrantes ser relativamente baixo em comparação com o total populacional, a posição econômica que esse grupo adquiria, bem como a conduta em relação às outras comunidades, mostravam uma desarmonia considerando todo o restante. Mais ainda, havia um receio de que essa pequena comunidade pudesse se tornar a base de um Estado no futuro. Frente a isso, as autoridades árabes palestinas passaram a reivindicar seus direitos, primeiro com os otomanos, e depois com os britânicos. Entre as sugestões, a demanda pela limitação da imigração judaica na Palestina.¹⁵ Porém, as autoridades dificilmente acatavam as sugestões, e quando o faziam, era mais em sentido de acalmar os ânimos do que de fato proporcionar mudanças efetivas.¹⁶ A imigração judaica seria constante durante boa parte do Mandato Britânico.

Nesse momento, o palestino começa a adquirir uma consciência de si mesmo, ao se enxergar em oposição a essas outras comunidades. Em um contexto de tensão e confronto, a

13 Apesar de ser altamente influente em sua época, Herzl não possui grande bibliografia. Além de *Judenstaat*, seu único livro que trata da questão sionista é *Old New Land* (1902), romance que serviu de inspiração para o batismo da cidade de Tel Aviv, em 1910. O restante de sua produção inclui peças de teatro, tendo algumas tangenciado as questões judaicas, como *The New Ghetto* (1898).

14 KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity: The Construction of Modern National Consciousness*. New York: Columbia University Press, 2010. Pg 98-99

15 SALGADO NETO, Luiz. O movimento político árabe na Palestina sob controle britânico: culturas políticas em perspectiva comparada (1929-1937). Tese (Doutorado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Pg. 304

16 KHALIDI, Rashid. *The Iron Cage: The Story of Palestinian struggle for Statehood*. Londres: Newworld Publications, 2007

comunidade palestina não encontra apoio em outras instâncias e lideranças – nem mesmo as árabes –, apenas em si mesma. A ordem se torna a criação de redes de solidariedades cotidianas em face de uma necessidade de autodefesa. A identidade palestina começa a tomar forma mais definida: está ligada ao território pátrio, que precisa ser preservado, e ao indivíduo árabe palestino, que não renega sua condição de árabe, porém em relação aos outros povos árabes está “em fraternidade até certo nível, mas separados por uma lacuna intransponível.”¹⁷

Outros movimentos políticos da primeira metade do século XX demonstram, ao mesmo tempo, a agressão à comunidade árabe-palestina e as promessas vazias do imperialismo. Um dos principais produtos desse período é a Declaração Balfour, realizada em 1917. Nesse curto documento, enviado pelo Secretário de Exterior britânico Arthur James Balfour a um dos maiores expoentes do sionismo político, o banqueiro Lord Rotschild, se garante o apoio do Império Britânico às pretensões sionistas de estabelecer o Estado de Israel na Palestina. A Declaração Balfour irá funcionar como um passe legitimador para os grupos do sionismo desse momento em diante. O documento em si é ambíguo e expressa neutralidade, sendo possível de ser enxergado muito mais como uma forma de garantir o apoio de grupos econômicos importantes na sociedade britânica do que uma vontade manifesta do Imperialismo em sustentar essa empreitada.

A Declaração Balfour se torna mais problemática ainda ao ser comparada com a correspondência Hussein-McMahon, uma troca de mensagens entre o *shariff* Hussein, emir de Meca, e o Alto Comissário Britânico no Egito, Henry McMahon. Nesse diálogo, há uma garantia por parte do comissário em apoiar as intenções independentistas dos países árabes, em troca do apoio dos mesmos na guerra contra o Império Otomano. Considerando que essa promessa é realizada dois anos antes da Declaração Balfour, a última é vista como algo contraditório, ao garantir a dois grupos diferentes o respeito às suas ânsias de autonomia e independência, sem ferir os direitos básicos de nenhum deles. A impossibilidade de aplicar ambas as promessas expõe uma característica do Imperialismo: a manipulação de determinadas demandas dos povos dominados em favor próprio.

Portanto, a comunidade palestina convivia com ameaças paralelas, que durante um bom tempo se tornaram aliadas de ocasião. Não havia como recorrer aos outros povos árabes, envoltos nas suas próprias dificuldades. A criação desses laços em defesa da própria sociedade palestina foi determinante para fortalecer a identidade já existente, ligada ao pertencimento de um solo pátrio. Nesse ponto, a coletividade começa a se identificar na base de uma sobrevivência comum. Mas outro marco histórico do povo palestino não apenas mudaria sua percepção identitária, como deslocaria suas bases até os dias atuais.

Seção 2 - NAKBA E PÓS-48

O acontecimento da *Nakba* – catástrofe, em árabe – representa, além da própria catástrofe humanitária e geopolítica, um dos marcos mais importantes da consciência palestina a partir da segunda metade do século XX. A consolidação do Estado de Israel representava o medo que acompanhou os palestinos durante boa parte de sua história moderna, e por fim levou à desestruturação social em vários níveis, criando um alto número de refugiados e abalando a representação política daquela sociedade. É possível perceber esse fato no trecho do relatório escrito pelo secretário-geral da Liga das Nações Árabes no dia 15 de maio de 1948:

17 SAID, Edward. A Questão da Palestina. São Paulo: Ed Unesp, 2012. pg. 172

Peace and order have been completely upset in Palestine, and, in consequence of Jewish aggression, approximately over a quarter of a million of the Arab population have been compelled to leave their homes and emigrate to neighbouring Arab countries.¹⁸

Não era um ato isolado: a permissão pelas Nações Unidas do estabelecimento do Estado de Israel se assentava na possibilidade de sua realização, ou seja, havia uma comunidade considerável de judeus vivendo na Palestina naquele período. Em 1936, uma revolta generalizada da sociedade árabe-palestina eclodiu contra a autoridade britânica. O levante se iniciou após um acúmulo de tensão entre judeus e árabes, proporcionando atos de violência recíprocos, que se alimentaram em um círculo vicioso. A partir de determinado momento, as lideranças locais se articularam para dar conteúdo político à revolta, convocando uma greve geral.

Dentre os diversos motivos para a revolta, estava a alta imigração para a Palestina nos anos anteriores. Apesar de não viverem em total oposição, ambas comunidades também não estavam integradas, com momentos de maior tensão, como o que ocasionou a Revolta de 1936. Nesse ano, a porcentagem de população judaica era de 28%, tendo a imigração se intensificado na década de 30. Apenas em 1935, cerca de 60 mil judeus entraram legalmente na Palestina.¹⁹ Portanto, a proclamação do Estado de Israel não se constitui em um ato repentino, porém se assentava em bases relativamente sólidas. A omissão imperialista para conter a entrada de judeus na Palestina se relacionava com o interesse no apoio político que isso lhe proporcionaria naquele momento, à medida que a imigração e ocupação sionista aumentavam. Sem a confluência desses dois fatores, não teria sido possível criar as condições necessárias para a criação do Estado de Israel.

Em 1948, a ONU propõe um plano de partilha entre árabes e judeus na Palestina. Frente às suas próprias dificuldades econômicas geradas pela Segunda Guerra, o Império Britânico abre mão do Mandato, resguardando a si mesmo apenas o papel de entregar a autoridade ao grupo competente. O plano de partilha é amplamente rejeitado pelas autoridades árabes, mas mesmo assim a ONU concede o aval para o estabelecimento do Estado de Israel na região. Nesse momento, as instâncias políticas começam a fixar suas representações ao longo do território, ao mesmo tempo em que os grupos paramilitares Haganah e Irgun, futuras bases do FDI²⁰, garantem que a determinação da ONU seja cumprida. A escalada da violência tem como resultado o deslocamento forçado de centenas de milhares de árabes palestinos, entre 250 mil e 750 mil indivíduos. A agressão específica aos grupos árabes palestinos acaba os direcionando para fora do território, e segundo alguns autores, essa seria uma forma de limpeza étnica.²¹ A Guerra de 1948 entre Israel e os países árabes do entorno também impulsionaria essa cifra. Entre os refugiados desse conflito, estava o futuro escritor Ghassan Kanafani.

Seção 3 – Homens ao Sol

Refletir acerca da vida e obra de um indivíduo pode não ser suficiente para se obter um panorama definitivo da Questão da Palestina, porém nos fornece aspectos e dados que são compartilhados entre os seus semelhantes e permitem a apreensão do imaginário dessa

18 Cablegram dated 15 May 1948 addressed to the secretary-general. Disponível em: <https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/A717E30BD2F6E5EC8525761E0072E9B3>. Acesso em 2017

19 SALGADO NETO, Luiz. O movimento político árabe na Palestina sob controle britânico: culturas políticas em perspectiva comparada (1929-1937). Tese (Doutorado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

20 Forças de Defesa de Israel, como é chamado o exército regular.

21 Ver: PAPPÉ, Ilan. *The Ethnic Cleansing of Palestine*

época, ou pelo menos uma parte significativa dele. Ghassan Kanafani tinha doze anos quando a guerra obrigou sua família a fugir de sua propriedade. Passou por Síria e Jordânia antes de se estabelecer em Beirute, já na fase inicial da vida adulta. Começa a escrever nesse período, com as experiências que viveu auxiliando em sua construção de identidade como palestino, e sendo passíveis de identificação em sua bibliografia.

Seu principal trabalho é *Rijal fi AL-shams*, ou Homens ao Sol. Conta a história de três homens palestinos que buscam uma melhor vida financeira. Para isso, resolvem fugir de maneira clandestina em direção ao Kuwait, dentro de um tanque de água vazio dirigido por outro homem palestino. A tentativa termina em tragédia: após uma parada em um posto de controle, que demora mais do que o previsto, todos os três morrem sufocados dentro do tanque sob o sol do deserto. Kanafani se utiliza de metáforas para expressar sua crença na identidade frente à Questão da Palestina. O autor aponta, logo no começo do romance, a relação quase intrínseca do palestino com a terra em que habita:

Abu-Qays descansou no chão úmido, e a terra começou a latejar abaixo dele, como cansadas batidas do coração, que tremiam os grãos de areia e penetravam as células de seu corpo. Toda vez que colocava seu peito no chão ele sentia esse latejar, como se o coração da terra estivesse empurrando seu árduo caminho em direção à luz, das profundezas do inferno (...) quando comentou isso com seu vizinho, com quem dividia o espaço na terra que deixara dez anos atrás, ele respondeu debochadamente:

- É o som de seu próprio coração. Você pode escutá-lo quando coloca seu peito contra o chão.²²

Abu-Qays é um dos personagens principais do romance, buscando uma vida melhor para si e sua família. Apesar de ser um homem mais velho, não possui a segurança de uma vida tranquila, o que o projeta para o Kuwait como única opção que possa garantir sua sobrevivência. Abu-Qays é representativo da instabilidade em que vive o palestino, uma questão que atravessa gerações e influencia a vida de todos. Apesar da forte relação do palestino com sua terra, ela por si só não irá garantir a sua subsistência – afinal, houve uma ruptura nessa ligação resultante dos processos que estabeleceram o Estado de Israel, e logo a terra se torna um objeto de disputa. Ao se deparar com esse confronto, o indivíduo tem algumas possibilidades de ação. No caso de Abu-Qays, ele escolhe a ida para outro país como a melhor maneira de resolver seus problemas, o que o leva a conhecer os outros dois personagens principais, Marwan e Assaad.

Os três são reunidos por Abul-Khayzuran, personagem não menos importante para o desenrolar da história. Consciente da questão econômica, que é imperativa para todos eles, Abul-Khayzuran faz uma oferta: poderá levá-los até o Kuwait por um preço menor do que o cobrado, em um tanque de água vazio através do deserto. Apesar da incerteza da viagem, o valor menor cobrado pelo motorista compensa a insegurança. Isso não significa, porém, que não haja uma negociação relativamente tensa entre o grupo:

– Primeiro de tudo, cada um irá pagar dez dinares. Fechado?

Abu Qays diz:

- Eu concordo

Assaad protestou:

- Por favor, deixe eu falar. Dez dinares é uma soma alta. Um contrabandista profissional cobra quinze dinares. Aí –

22 KANAFANI, Ghassan. *Men in the Sun and other Palestinian stories*. Grã-Bretanha: Lynne Rienner Publishers, 1999, p. 10, tradução nossa.

Abul-Khayzuran o interrompeu:

- Então estamos discordando antes mesmo de começar. Esse era o meu medo. São dez dinares e nenhum centavo a menos.²³

Abuk-Khayzuran é palestino como todos os três, e isso é reconhecido por eles – Assaad diz “Você parece palestino para mim”²⁴ no início da conversa -, porém tal fato não muda a percepção individualista que os personagens carregam. No centro dessa questão, o fator financeiro é o que tem maior peso na tomada de decisões – a ambição para sair do país, as disputas em torno de valores cobrados. O elemento financeiro se torna desaglutinador entre os indivíduos, impedindo-os de tomar alguma decisão com base coletiva. Kanafani atenta para esse processo em um plano maior, à medida que o capitalismo introduz essa concepção egoísta na sociedade e impede a construção de uma consciência política coletiva que enxergue além do próprio indivíduo. Como afirma Marianne Gennari:

As personagens de Kanafani, nesse sentido, parecem ignorar as tentativas anteriores de unidade e construção nacional contra os interesses britânicos e sionistas, criando atritos entre si. Essa escolha do enredo faz parte da crítica do autor ao individualismo – marca do pensamento político moderno -, elemento que se opõe aos objetivos coletivos e interesses comuns, tão importantes para os planos de conscientização política.²⁵

A crítica trazida por Kanafani é coerente com sua atuação política e percepção identitária palestina. Há um ímpeto revolucionário em sua produção, e isso não é coincidência. O escritor fez parte da Frente Popular pela Libertação da Palestina (FPLP), organização política de viés marxista que pregava a luta armada. Dentro do grupo, também era editor-chefe do jornal *Al Hadaf* (O Alvo). Seu comprometimento era com a causa da justiça e da transformação social maior, direcionada contra o imperialismo e o sionismo. Um manifesto dessa organização, datado de 1967, afirma o seguinte:

Massas da nossa nação árabe;

Massas do nosso povo palestino;

Por cinquenta anos nosso povo tem sido confrontado com uma série de ininterruptas conspirações sionistas-imperialistas contra nossa nação e o direito das pessoas de liberdade e vida. Por cinquenta anos as forças do sionismo e do imperialismo mundial tem tramado, perpetrado atos de agressão e guerra declarada (...) A resistência armada popular é o único caminho, o caminho efetivo para combater os interesses do inimigo (...)²⁶

A contextualização da obra também é importante para compreender a postura de Kanafani diante dos fatos que ocorriam nesse período. Escrito e publicado em 1962, o livro é influenciado por eventos políticos próximos, principalmente, a dissolução da República Árabe Unida, ocorrida um ano antes. Esse projeto fora resultado da união das repúblicas do Egito e da Síria, formando um único país. Era um passo a caminho do ideal pan-arabista, conceito muito difundido pelo líder egípcio Gamal Abdel Nasser, que pregava a união entre os povos árabes, buscando superar a divisão que o imperialismo havia causado na região. Dessa maneira, representava uma vitória para os povos da reunião. Em relação à questão palestina,

23 Ibid. pg 35

24 Ibid. pg 34

25 GENNARI, Mariane Soares. O exílio palestino em Homens ao Sol (1963): diálogos entre História e Literatura. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 53.

26 First Political Statement Popular Front for the Liberation of Palestine. Al-Hurriya (Beirut). 1 December 1967. Disponível em: <http://learnpalestine.politics.ox.ac.uk/uploads/sources/588c773adfc29.pdf>

possuía principal utilidade como instrumento político, sendo um meio de pressionar mais o Estado de Israel e seus aliados na região.

Ao se tornar um líder influente no mundo árabe, Nasser procurou aplicar a ideia pan-arabista. A Questão da Palestina também ganhou dimensão pan-árabe, ou seja, a solução para o conflito e para os refugiados era uma das metas de seu projeto político, além de subentender a questão como um problema de todos os países árabes, não apenas aqueles diretamente envolvidos.²⁷ A República Árabe Unida era a representação institucional desse projeto, mas devido à dificuldade de adaptação entre os poderes políticos dos dois países, ela se dissolveu em 1961. A escrita de *Homens ao Sol* é influenciada por esse contexto: os palestinos são os protagonistas em busca de respostas para sua situação, as quais não encontram. O fim da República Árabe Unida representava a perda de mais uma possibilidade e um golpe nas pretensões palestinas, e agora eles estavam perdidos, procurando novas opções.

O senso de desorientação na obra é bastante visível: o deserto que os personagens precisam atravessar é uma metáfora para o vazio de opções que eles possuem, favorecendo uma hostilidade do mundo ao redor e a dificuldade de encontrar novas referências. Em determinado momento, Assaad se pergunta: “Ainda há caminhos nesse mundo?”²⁸. Kanafani procura, dentro desse contexto, apontar que, sim, ainda existem caminhos para os palestinos nesse mundo, porém é necessário ter consciência de si mesmo antes de tomá-los. Do contrário, se direcionará por caminhos errados.²⁹ Em *Homens ao Sol*, os personagens não atingem essa conscientização, sendo a alegoria do povo palestino sendo guiados pelo deserto por uma liderança ineficiente e corrupta, representada por Abul-Khayzuran.³⁰

A partir dessas experiências, Kanafani constrói seu sentido de identidade palestina, ligada necessariamente a essa condição singular de vida, que exige uma resposta da sociedade: a militância em prol da construção nacional. Em *Homens ao Sol*, os personagens não priorizam a sua identidade palestina, as suas experiências em comum e a possibilidade de viverem em seu país. Ao invés disso, dão vazão ao sentimento individualista que por fim os levará à tragédia. A viagem é dura e as condições climáticas deixam o tanque de água quente e sufocante. Porém, eles conseguem atravessar os postos de fiscalização com sucesso, até chegar ao último antes da fronteira. Nesse ponto, há uma demora maior do que a prevista. Enquanto Abul-Khayzuran espera a burocracia dos guardas – que não parecem muito dispostos a cooperar – os três homens morrem sufocados dentro do tanque quente. Só resta à Abul-Khayzuran, passada a consternação inicial, deixar os corpos na beira da estrada – não sem antes levar os pertences e valores que carregam no bolso.

Logo após abandonar os corpos, uma última questão perturba Abul-Khayzuran: porque os homens não bateram na lateral do caminhão, ao ver que iam morrer? Segundo o autor Douglas R. Magrath, a resposta está relacionada à interminável espera que se tornou a vida do palestino após 1948. Caso se denunciassem, os homens sobreviveriam, mas iriam para uma prisão por estarem viajando clandestinamente. Viveriam uma vida miserável, não muito diferente daquela que viviam anteriormente. Mas além disso, continuariam a experimentar a

27 SHLAIM, Avi. *A Muralha de Ferro: Israel e o Mundo Árabe*. Rio de Janeiro: Fissus Editora, 2004. Pg 240

28 KANAFANI, Ghassan. *Homens ao Sol*. São Paulo: Editora Bibliaspa, 2012, p. 60

29 GENNARI, Mariane Soares. O exílio palestino em *Homens ao Sol* (1963): diálogos entre História e Literatura. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 66

30 MAGRATH, Douglas. *A Study of “Rijal fi al- Shams” by Ghassan Kanafani*. Journal of Arabic Literature, vol 10, 1979, p. 99

sina do povo: presos e sem condições de garantir a possibilidade de seu futuro.

Magrath argumenta que o tempo é uma entidade instável, ou seja, o futuro não é uma garantia ao palestino, uma vez que sua própria existência no tempo presente é insegura. O passado se confunde com o presente, ao passo que as experiências que o definem continuam a ocorrer, não demarcando uma ruptura clara entre eles. A essa sociedade não foi permitido o desenvolvimento natural do tempo. Portanto, só resta ao palestino construir seu futuro. Caso contrário, é preferível a morte, como no caso dos personagens. Uma tragédia que pode ser evitada, caso o palestino adquira uma consciência nacional e passe a resistência coletiva como forma de marcar sua posição no mundo. Enquanto não consegue esse objetivo, o palestino está sujeito ao estado de eterna espera, como se o futuro estivesse sempre à vista, porém nunca alcançado. O estado de espera pode ser visto, por exemplo, no caso de Abu-Qays, que vivencia isso em sua vida pessoal. São esses tipos de experiência que devem aproximar os palestinos e formar sua identidade, intrinsecamente militante e política.

Conclusão

A Questão da Palestina é de fato complexa e possui diversas nuances a serem observadas. A identidade palestina certamente é uma dessas, que não pode ser explicada em termos simples. Determinar uma forma definitiva de identidade seria impossível. Como lembra Stuart Hall, a identidade é deslocada e fragmentada, não fixa e homogênea.³¹ Significa ter a compreensão de que nem toda sociedade palestina, por mais que se identifique pela mesma denominação nacional, irá compartilhar dos mesmos símbolos, valores ou condutas. Por isso, também não possuirá as mesmas perspectivas acerca do mundo. O espaço da identidade compreende a divergência, e analisar a multiplicidade das estruturas que se formam dentro desse campo é de suma importância para que o trabalho não seja reducionista.

A visão expressa por Kanafani – não apenas em *Homens ao Sol*, mas em grande parte de sua bibliografia – pode ser considerada como uma representação coerente com parte da sociedade palestina, não sua totalidade. Há outras questões identitárias que influenciam a visão de mundo de determinado grupo, como os exilados, que experimentam condições de vida tão únicas e diferentes entre si, dependendo do país em que residem. Tais circunstâncias permitem que os palestinos sejam um grupo absolutamente heterogêneo, cada qual com suas próprias perspectivas. Porém, ainda há um reconhecimento mútuo de símbolos e valores, o que os faz ser palestinos, mesmo separados por barreiras, como afirma Said:

Cada comunidade precisa lutar para manter sua identidade em pelo menos dois níveis: em primeiro lugar, como palestino diante do encontro histórico com o sionismo e a perda precipitada de sua pátria; em segundo lugar, como palestino no cenário da vida cotidiana, respondendo às pressões de seu Estado de residência (...). Há palestinos libaneses, e palestinos norte-americanos, assim como há palestinos jordanianos, sírios e cisjordanianos; Hoje, crianças palestinas nascem tanto em Amã quanto em Nova York; elas ainda se identificam como “originárias de” Shafa’ Amr, Jerusalém ou Tiberíades.³²

A lógica do palestino se torna sua sobrevivência, e os meios pelos quais ele poderia garanti-la. Kanafani compreende a construção e manutenção de uma identidade ativa e militante como a forma essencial de assegurar a existência da comunidade palestina. O povo palestino

31 HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 8

32 SAID, Edward. *A Questão da Palestina*. São Paulo: Ed Unesp, 2012.

foi colocado em um estado de permanente espera por forças além de seu alcance, mas ele não deve admitir essa imposição. Os personagens de *Homens ao Sol* morrem em meio a essa perpétua espera, sem saber se irão chegar ao seu objetivo, isolados e na escuridão. Estão sendo sufocados pelo destino que escolheram.³³ Ao “não conseguirem decifrar o tempo presente, foram incapazes de encontrar um futuro”.³⁴

Entender a formação histórica dos palestinos ajuda a elaborar o contexto em que se desenvolve seu nacionalismo, e os principais anseios que decorrem disso. A comunidade esteve, durante boa parte de sua história moderna, dominada por forças exteriores: primeiro com o Império Otomano, depois com o Mandato Britânico e, por fim, a Ocupação Israelense. Conforme essa incipiente comunidade começa a se desenvolver, precisa conviver com a presença constante de um dominador. O nacionalismo já existente se fortalece na mesma medida em que sua autonomia é negada.

Mas em que ponto a comunidade se relaciona com a identidade? Se aprofundar na obra de Kanafani é relevante para responder a questão, pois através de seus escritos é possível perceber a construção de um tipo de identidade que se relaciona com as questões nacionais e plurais. Para ele, a identidade palestina deve ser ativa, militante e em unidade. Apesar de não ser a única perspectiva de se conceber o mundo, a reflexão de Kanafani ajuda a entender um determinado período, um determinado tipo de pensamento, que possui relevância na história palestina. A desarticulação da comunidade se constituía um perigo real, e essa preocupação se refletia na identidade e produção cultural dos autores.

Portanto, Kanafani tem prioridade em dar um alerta ao seu povo: há uma necessidade de construção nacional coletiva, como afirmação de sua própria existência enquanto corpo sócio-cultural. O palestino não possui o mesmo desenvolvimento dos outros povos, tendo sofrido expropriações constantes durante sua história. Em uma carta endereçada ao filho:

Eu te escutei no outro quarto perguntando à sua mãe ‘Mãe, eu sou Palestino?’ Quando ela respondeu ‘Sim’ um silêncio pesado caiu sobre a casa inteira. Era como se algo pendurado sobre nossas cabeças tivesse caído, seu barulho explodindo, então – silêncio. Depois... eu escutei você chorar. Eu não conseguia me mexer, eu não conseguia ver o que estava acontecendo no outro quarto. (...) Eu sabia, porém, que uma distante terra natal estava nascendo de novo. Colinas, oliveiras, pessoas mortas, banners rasgados e dobrados, atravessando seu caminho em um futuro de carne e sangue para nascer no coração de uma criança... Você acredita que o homem cresce? Não, ele nasce de repente – uma palavra, um momento, penetra seu coração em um novo palpitar. (...)³⁵

A condição em que vive o palestino no mundo é única. Sua excepcionalidade pressupõe diferentes experiências também: ao dizer que o “homem nasce de repente”, ele aponta para a tomada de consciência do palestino, que é um ato político, um ato de afirmação em frente às contínuas agressões sofridas. Se o passado e o presente são a base da experiência que constitui a conscientização, Kanafani procura apontar para o futuro. Ao palestino está reservada a emergência da ação, pois seu futuro não é garantido nas estruturas atuais. Ainda permanece a possibilidade de um futuro promissor no horizonte, porém um longo caminho a ser trilhado, mas ao menos, esse caminho existe.

33 MAGRATH, Douglas. *A Study of “Rijal fi al- Shams” by Ghassan Kanafani*. *Journal of Arabic Literature*, vol 10, 1979. Pg 99-102

34 GENNARI, Mariane Soares. O exílio palestino em *Homens ao Sol* (1963): diálogos entre História e Literatura. Pg 89

35 KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. Nova York: Committee for a Democratic Palestine, 1972. Pg 5

Referências Bibliográficas:

Livros

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KANAFANI, Ghassan. *Homens ao Sol*. São Paulo: Editora Bibliaspa, 2012.

_____. *Men in the Sun and other Palestinian stories*. Grã-Bretanha: Lynne Rienner Publishers, 1999. p. 10

_____. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. Nova York: Committee for a Democratic Palestine, 1972.

KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity: The Construction of Modern National Consciousness*. New York: Columbia University Press, 2010.

_____. *The Story of Palestinian struggle for Statehood*. Londres: Oneworld Publications, 2007

SAID, Edward. *A Questão da Palestina*. São Paulo: Ed Unesp, 2012.

SHLAIM, Avi. *A Muralha de Ferro: Israel e o Mundo Árabe*. Rio de Janeiro: Fissus Editora, 2004.

Teses acadêmicas

GENNARI, Mariane Soares. *O exílio palestino em Homens ao Sol (1963): diálogos entre História e Literatura*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012

SALGADO NETO, Luiz. *O movimento político árabe na Palestina sob controle britânico: culturas políticas em perspectiva comparada (1929-1937)*. Tese (Doutorado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Capítulo de livro

KILPATRICK, Hillary. Introduction. In: KANAFANI, Ghassan. *Men in the Sun and other Palestinian stories*. Grã-Bretanha . 1999

Artigo de periódico

MAGRATH, Douglas. *A Study of “Rijal fi al- Shams” by Ghassan Kanafani*. *Journal of Arabic Literature*, vol 10, 1979.